

ALFAGUARA



Manuel Jabois

Mirafiori



Tradução de Guilherme Pires

Não esperará por mim dentro da estação, mas sim na rua, encostada à porta de um *Fiat 131 Mirafiori* com um *Ducados* na boca, para o acender com um fósforo quando me vir, como se o realizador lhe tivesse gritado «ação!». Tudo parecerá casual, mas na sua mente a cena terá decorrido vezes sem conta. Terá acordado cedo para experimentar um monte de roupa, e acabar por escolher, como sempre, o curto vestido preto e as botas pretas de cano alto que tanto me agradaram quando a acompanhei ao festival de Sitges. Terá passado uma hora à frente do espelho — sei-o, porque a cronometrava —, e no fim decidirá simplesmente não se maquilhar, exceto uma sombra nos olhos, não porque se sinta mais bonita assim, mas porque sei que o seu rosto limpo é o melhor de todos os que usa na vida e nos filmes, incluindo o rosto que me viu prestes a morrer no nosso apartamento em Madrid, o mesmo olhar que Faye Dunaway dirige a Warren Beatty quando compreende, em *Bonnie & Clyde*, que os vão matar em segundos; essa beleza absoluta que só aparece no fundo do terror, quando já tudo vai dar ao mesmo e o que nos acontecer acontecerá aos dois ao mesmo tempo, e nenhum de nós ficará sozinho, sem o outro.

Guardarei o carregador do telemóvel na mala quando os altifalantes do comboio avisarem que estamos a entrar

na estação María Zambrano. Despedir-me-ei do rapaz a quem paguei uma cerveja na cafetaria, um adolescente amável, tímido e forte, nessa altura já quase um velho amigo, com a esperança de que não me siga na gare, pois por vezes basta despedirmo-nos de alguém para essa pessoa não nos largar. Ainda no comboio, beberei um gole de água para deixar a garrafa vazia no assento, como faço sempre, pegarei na minha mala de viagem e sairei da caruagem, pensando em como estará o tempo nesta noite, se permanecerá o calor sufocante do meio-dia ou se o ambiente arrefecerá o suficiente. Não vestirei o casaco, que levarei pendurado no braço, e a mala pequena fá-la-á pensar — mas não o dirá — que viajo sempre com o estritamente necessário, quer se trate de roupa ou de objetos pessoais. Não acenderei um cigarro antes de sair da estação, não olharei para o telemóvel enquanto deixo o comboio para trás (para o caso de ela me ter escrito uma mensagem a dizer que não vem e não me reste outro remédio senão lê-la). Tão-pouco caminharei depressa, para não suar, nem olharei em volta como um fugitivo. Terei vontade de a ver, muita vontade, mas não tanta de estar com ela, e saberei isso porque nos últimos cinco anos, nos meus pensamentos, dei muitas voltas à nossa relação e ao efeito que tem em mim.

Já não estamos juntos há algum tempo, mas não o suficiente para que não me lembre de certas coisas. Por exemplo, que ela sorrirá ao ver-me, um sorriso impassível que estará entre um «fizeste-me perder as filmagens de hoje» e um «é bom que valha a pena». Daremos dois beijos — ela, nas bochechas, como quando me castigava; eu, com lentidão, apoiando os lábios no seu rosto e produzindo o som do beijo ao separá-los, para a fazer rir,

e rir-se-á — e ela perguntar-me-á como correu a viagem. Dir-lhe-ei que detesto comboios e ela contar-me-á mais uma vez — não é maçadora, apenas tem má memória — que foi numa carruagem que aprendeu o papel de *Reyerta*, o filme que a tornou famosa; dir-lhe-ei que não será bem famosa, mas mais conhecida, e que para decorar as falas de um guião tanto dava viajar de comboio como de avião. Rir-se-á de novo e comentarei que no cinema terá conhecido homens mais bonitos, mais altos e mais fortes, mas nenhum que a faça rir tanto como eu, e responder-me-á que, na sua idade, quer os homens para os passear, como aos vestidos, porque para se rir bastam-lhe as amigas. Lembrar-me-ei de que nos últimos tempos da nossa relação ela me aborrecia com as suas piadas espirituosas, que os seus guionistas desprezavam, considerando-as artificiais.

Entraremos no seu carro, iremos ao Pimpi beber chá de camomila, e num certo momento da tarde ela quererá ir comprar droga, e eu dir-lhe-ei que me deixei disso há cinco anos, no dia em que nos separámos, e ela responder-me-á que não quero ir comprar droga porque nunca fico com tusa quando consumo, e dir-lhe-ei que já não preciso de me drogar para não ter tusa, e ela rir-se-á porque, «seja como for, nunca iríamos para a cama». Não lhe direi porque é que prefiro não ir arranjar droga; ela não perguntará porque preferirá não saber, e falaremos sobre os nossos amigos (lavaremos roupa suja, sublinhando o quanto gostamos deles) e sobre os nossos trabalhos, tentando subtilmente superar-nos um ao outro através de perversas táticas passivo-agressivas. Não me beijará, nunca me beijará. Não me perguntará pelos meus pais. Tão-pouco fará perguntas sobre o acidente ou a respeito do meu último trabalho, pensando que o deixei, e pensará mal. Terá sentido a minha

falta e eu terei sentido a falta dela, embora eu pense, como sempre, que nunca tanto quanto devíamos.

Haverá um momento, quando sairmos do bar, em que me aperceberei de que o seu carro já não é um *131 Mirafiori*, e o que diria de alguém, neste século, ter um *131*. Pensarei, e não será agradável, que tinha imaginado o nosso encontro com tanto pormenor, e tinha tanta convicção de estar certo, que nem sequer pensei por que razão é que ela estaria encostada a um *Fiat 131*. Mas não duvido de que estará encostada ao carro quando eu sair da estação, e de repente compreenderei que isso já não é uma suposição, mas uma certeza.

Ficarei parado na rua e terei dúvidas sobre se estarei a sonhar ou não, caminharei pé ante pé, muito devagar, como se o chão desaparecesse, tal como desejo nos meus sonhos para acordar: que o chão desapareça e eu caia no vazio que me devolverá à vida. Mas isto não acontece: o chão não desaparece. Perguntar-lhe-ei se não estava à minha espera encostada a um *Fiat 131 Mirafiori*, e ela dir-me-á que não faz ideia do modelo do carro, mas que o seu não era certamente um *Mirafiori*, já não era um *Mirafiori* («Estás a brincar comigo?», perguntará com um sorriso). E descobrirei pouco a pouco, em câmara lenta, que aquilo que imaginei que aconteceria quando saísse do comboio não era uma recriação, mas sim algo real. Portanto, não estava a imaginá-lo, estava a vivê-lo. Podia suspeitar o que iria acontecer a Valentina Barreiro, no fim de contas minha companheira durante vinte e dois anos; facilmente lhe preveria os passos, tanto que eu já não era o seu ex-namorado, mas o seu algoritmo, só que nunca conseguiria antever, de modo algum, pormenores tão absurdos como encontrá-la encostada a um determinado carro, e o modelo desse carro.

Descobrirei então que o passo prévio ao terror é sempre acreditar que o terror não existe, e que o seguinte é assumi-lo, e que ainda há outro passo, o definitivo: encontrar a sua ternura. E só então saberei por que motivo senti falta do interesse dela sobre o acidente — e que acidente poderia preocupar-me, senão o meu?

As últimas palavras da mãe de Valentina Barreiro antes de morrer foram: «Todos os que dizem que o dinheiro não traz felicidade são uns filhos da puta.» Ouviram-nas o seu pai, o seu irmão e ela, no quarto do hospital. Quando começou a agonizar, o irmão estava de prevenção no quarto, enquanto a Valen e o pai dormiam numa divisão contígua. A Valen recordará sempre quão horrroso lhe pareceu que o irmão os tivesse acordado com um «Venham, venham, venham!», como se o representante espanhol da Eurovisão estivesse prestes a atuar. E a mãe, que nas últimas semanas quase não conseguira falar, abriu um pouco os olhos e proferiu aquela frase.

Na noite seguinte, a Valen disse-me que sentiu uma certa pena por ela ter morrido tão lúcida. Não quer dizer que, caso ela tivesse morrido esquecida e desassissada, não sentisse pena, mas haveria uma certa consolação se as suas últimas palavras tivessem sido uma estupidez do mais alto calibre. «Sinto muito pela tua mãe.» «Bem, o que se pode fazer, pelo menos não tornaremos a ouvir as estupidezes que dizia.» Mas não foi assim. «Todos os que dizem que o dinheiro não traz felicidade são uns filhos da puta», sentenciou. Valentina Barreiro nunca esqueceria a vergonha que sentiu naquele momento, tanta que nem sabia para onde olhar, porque «o dinheiro não traz felicidade» era a frase

preferida do pai. O homem, parado como uma estátua ao lado da cama, observava a mulher com os olhos chorosos, sem conseguir acreditar. Era como se, no fim de tudo, e sem qualquer possibilidade de resposta, ela tivesse querido esclarecer um histórico mal-entendido familiar. Naquele quarto ninguém disse nenhuma outra palavra. Até deixá-mos de chorar pela morta em sinal de respeito pelo vivo. «Ela não devia ter dito aquilo naquele momento», foi tudo o que ele comentou sobre o assunto, muitos anos depois.

Eu e a Valen namorávamos há alguns dias. O nosso primeiro encontro acontecera no sábado anterior; depois, tinha-a visto noutra dia da semana, no intervalo das aulas. Por outras palavras, vi-me metido num berbicacho. De repente, tive de conhecer a família dela num funeral — era a primeira vez na vida que usava gravata. Lá estavam todos, a chorar e a fungar, e eu, de um lado para o outro, a oferecer lenços e cumprimentando-os o melhor que podia («muito gosto, como está, oh, que triste circunstância!»), deixando atrás de mim um cochicho («mas quem é este?»). Muitos anos depois, lembrar-me-ia sempre do ministro da Defesa careca que fez um implante capilar para o estrear no Dia da Constituição, com tanto azar que três dias antes a ETA tinha matado um vereador e ele apresentou-se com uma franja abundante para dar os pêsames à família e presidir ao funeral de Estado; ninguém sabia onde se enfiar, claro.

Eu era a cabeleira nova da Valen, que se mostrava indiferente a tudo aquilo; o ministro pelo menos nem se penteava, devido ao embaraço que o cabelo lhe causava, mas ela levava-me de um lado para o outro, apresentando-me até ao homem que servia as *Coca-Colas*.

— Mas a tua mãe estava assim tão mal? — perguntei-lhe quando saímos para fumar.

— Muitíssimo.

— E não podias esperar uma semana para começar a andar comigo? — perguntei, baixando a voz. — Estou a passar-me.

A Valen olhou-me muito decidida e disse:

— Agora vamos vê-la. Ela está bem, atrás de um vidro, muito bonita, porque morrer jovem tem coisas boas. Estaremos sozinhos na sala, vais conhecê-la e ficaremos ali um pouquinho, lá dentro está quente, é confortável, e depois vamos para casa, pode ser? E não sei se isto vai resultar, mas olha, nunca mais nos esqueceremos um do outro na nossa vida.

A verdade é que ela era a minha primeira namorada e eu o seu primeiro namorado, pelo que a fasquia não estava suficientemente alta para pormos uma mãe morta no meio da relação, mas se ela acreditava que assim nunca mais nos esqueceríamos, por mim tudo bem. Talvez não conseguíssemos fazê-lo sozinhos; talvez, quero dizer, tivéssemos de enterrar a mãe dela no primeiro encontro e esquartejar o pai no segundo para que, desse modo, quando nos encontrássemos vinte anos depois, ainda tivéssemos algum tipo de recordação um do outro.

Acho que foi nesse momento que comecei a gostar dela, nessa inconsciência que não tinha nada que ver com postura, mas com impotência. Ela era apenas uma rapariga assustada que se via forçada a ficar sozinha antes de tempo, e, em vez de se defender alugando traumas *à la carte* e mandando a fatura para os outros, preferia escandalizar inofensivamente quem quisesse.

Entrámos de mãos dadas na sala onde estava o corpo. Anunciou-se em sussurros — aos ouvidos de um exército de velhas que parecia contratado para a ocasião — que

a Valentina queria despedir-se da mãe. As velhas foram saindo em procissão, sem deixar de rezar enquanto apertavam as contas do terço, uma a uma, olhando-nos com uma expressão entre o rancor e o desdém. «Vão rezar para a merda da vossa casa», disse a Valen quando ficámos sozinhos.

A mãe dela era uma mulher simétrica, de beleza canónica, ao contrário da Valen, que aos olhos de quem a visse tinha uma beleza selvagem, como um desses ambigramas em que toda a gente vê uma imagem e só uns quantos eleitos descortinam outra. Julgo que eu era um desses eleitos, porque nenhum dos meus amigos gostava de Valentina Barreiro.

— O que gostas mais nela? — interrompeu os meus pensamentos.

— Não sei — balbuciei, surpreendido. — Nunca... nunca tinha visto uma morta.

— É isso que te agrada mais, que esteja morta?

— Não, não gosto disso. Seria melhor se estivesse viva.

— Bom, mas se estivesse viva agora, dava-te um pouco de medo, não?

— Claro, quanto a isso é melhor que esteja morta.

— Não exageres.

— Porque falamos tão baixinho? Diante dos mortos fala-se baixinho?

— Não sei, não me parece bem falar alto. Tens muita experiência com eles?

— Não, caramba. Disse-te que nunca tinha visto um morto. Não sei o que mais me agrada nela, não sou capaz de me concentrar noutra coisa que não a... sua condição. A sua condição de «morta».

— Vá, vamos embora. Estás a angustiar-me.

Virou-se para mim enquanto saíamos e deu-me um beijo na boca. O nosso primeiro beijo. Sem língua, um beijo rápido, tão rápido que até nem sei se não queria simplesmente tirar-me algo dos lábios. Ao sair da casa mortuária, gerou-se uma discussão — uma dessas discussões cortesias que podem ter mais consequências do que as hostis — para ver em que carros iríamos até Pontevedra. Estava lá um tio dela, emigrante retornado que enriqueceu na Venezuela, que nos convidou a irmos no seu *Mercedes Benz*, mas preferimos ir no velho *131 Mirafiori* do pai da Valen, embora fôssemos todos mais apertados porque levávamos também o avô paterno, um senhor decididamente gordo e que suava como um porco.

— De certeza que não querem ir no carro dele? Não venham connosco por obrigação, ali estarão mais cómodos — disse o pai da Valen.

— Bom — respondeu o avô com a segurança de quem tem um lema de vida e o passou com êxito para o filho, cúmplice da anedota —, nós já sabemos que o dinheiro não traz felicidade.

Ninguém disse uma única palavra até chegarmos a casa.

A primeira vez que vi Valentina Barreiro foi em La Madrila, um bar que abria de tarde numa cave em Pontevedra. Aconteceu porque um amigo nosso, o Chumbi, foi até ao grupo dela, que estava no meio da pista de dança, e perguntou à Valen se podia apresentá-la a alguém. Não sei se ele tinha a certeza quanto à rapariga que devia abordar e a que amigo a apresentaria, mas naquele tempo era assim que as coisas funcionavam. As amigas dela olharam para

nós, tentando adivinhar de quem se tratava. Levaram as mãos à boca e sussurraram. Estava a tocar a «La bilirrubina», de Juan Luis Guerra, do álbum *Bachata rosa*, canção que eu sabia de cor, embora tivesse o cuidado de não a cantar à frente dos meus amigos. De repente, o Chumbi chegou junto de nós com uma rapariga gorducha, de cabelo escuro, que parecia um pouco estrábica e tinha um maxilar forte e masculino de que gostei muito, porque naquela altura não sabia bem se era homossexual ou não, e o facto de a rapariga ter cara de rapaz era perfeito para descobrir sem dar passos em falso. Aproximei-me um pouco, como se tivesse sido eu a dar ordem para que a trouxessem até mim, e ela caminhou na minha direção, talvez para não me ridicularizar.

Eu tinha dezassete anos; ela, dezasseis. Apresentaram-nos e deixaram-nos sozinhos; saíram todos em debandada como membros de uma brigada de minas e armadilhas com dúvidas sobre se teriam cortado o cabo certo. Ganhei coragem e disse-lhe: «Queres andar comigo?» Tive de repetir a frase três vezes por culpa dos últimos compassos de «La bilirrubina». Ela deu um pequeno gole no seu licor de pêsego com sumo de ananás e disse: «Vamos a isso!» Sorri, e ela também sorriu. Lembrar-me-ei para sempre desse sorriso, exatamente aquele sorriso daquela tarde em La Madrila, o primeiro sorriso de todos, saber como era e como seria a partir de então, e fomos cada um para seu lado; eu, para casa, pois estava abananado. No dia seguinte, o Chumbi telefonou-me. «Perguntei-lhe se queria andar comigo», anunciei. «O que te respondeu?» «Disse que sim.» E dessa forma se marcou o nosso destino para sempre. No sábado, dia 12 de outubro de 1996, às 19h40, numa pista de dança em que se ouvia «*Ay, negra, mira, búscate um catéter,*»

e inyéctame tu amor como insulina» [Ai, negra, ouve, vai buscar um cateter/ e injeta-me o teu amor como insulina». Pois bem, no sábado seguinte estávamos todos na casa mortuária de San Mauro a despedir-nos da minha sogra.

O mais engraçado foi o que aconteceu durante a semana, entre um sábado e o outro. Naquela altura, e com aquela idade, convidar alguém para andar connosco era como pedir para o perdermos de vista. Por isso, na segunda-feira, quando chegou o intervalo, corri assustado para a casa de banho dos rapazes da escola secundária Sánchez Cantón para olhar pelas janelas e ver se ela, que estudava na Valle-Inclán, aparecia com ar de namorada, normalmente acompanhada por duas amigas escudeiras. Se ela tivesse decidido vir, eu não teria descido, nem por brincadeira. Mas nunca o fez porque, segundo o que as suas amigas contaram ao Chumbi, ela ficava na casa de banho das raparigas com medo de que eu me aproximasse da sua escola, ao intervalo, com intenções de namorado.

Em Pontevedra é muito difícil evitar alguém, especialmente se não tivermos mais de dezoito anos. Nessa terça-feira, encontrei-a na rua Augusto García Sánchez, em frente à praça de táxis; quando me viu, baixou-se para atar os atacadores até eu passar. No dia seguinte, por fim, encontrámo-nos no intervalo, na Caramelos Novás, a loja de doces mais pequena do mundo (julgo que até tinha uma placa na parede a dizer isto). Não houve escapatória. E aconteceu de um modo bastante romântico: encolhemos os ombros, comprámos dois *Tanzanitos* e, ao sairmos para a rua, demos as mãos enquanto os mordiscávamos.

Nessa tarde, quando a acompanhei até à porta de casa, disse-me que a mãe estava hospitalizada. Perguntei-lhe — na altura, penso que de forma muito casual, como se

ela tivesse partido um tornozelo — o que se passava. E ela respondeu-me que tinha ouvido os médicos dizerem ao pai que achavam que a mãe não chegaria a domingo. «E hoje é quarta-feira», disse ela. «Não é nada normal dizerem isto: é evidente que andam a fazer apostas.» A verdade é que me souu muito estranho, mas há médicos que estão completamente pirados.

Quando voltei para casa, a pontapear pedras como os protagonistas das histórias que lia na altura, pensei naquela expressão: «não chegar a domingo». Quando morremos, morremos, mas os seres humanos tinham encontrado um eufemismo reconfortante: não chegar. Os médicos não disseram que «não chegaria viva», mas sim que «não chegaria»; não era preciso acrescentar nada: não chegaria a lado nenhum. Portanto, não morria: deixava de chegar. Se eu fosse uma criança e regressasse um dia a casa, vindo da escola, e o meu vizinho me dissesse, à porta, «a tua mãe não chega ao meio-dia», preferia isso a «um carro atropelou a tua mãe, que ficou toda desfeita e agora está no hospital a arfar como um peixe». Não sei até que ponto é melhor, claro, mas é outro modo de dizer as coisas. «Deixar de chegar» significa que um dia chegávamos, e agora já não chegamos; morrer significa que nunca tínhamos morrido, e agora começámos a fazê-lo.

Desde esses dias de outono em 1996, Valentina Barreiro e eu passámos mais de vinte anos a namorar. Vivemos um com o outro tudo o que tínhamos de viver, e também o que não tínhamos de ter vivido. Foram muitíssimas coisas, entre outras razões, porque num qualquer momento da nossa relação as nossas vidas explodiram como fogo de artifício, iluminando o céu na perfeição para os vizinhos sobre cujas casas não caíram os foguetes.

A história de um amor que evade os limites do tempo e do real, pela mão de um dos mais vibrantes escritores espanhóis da atualidade.

«Mas quando se está verdadeiramente apaixonado, mesmo nas almas mais livres e selvagens, mais seguras de si, dentro de cada um bate o velho relógio dos instintos primordiais, entre eles o primeiro de todos: a sobrevivência do parceiro, o medo de o perder. Não sei quando é que esse relógio começou a funcionar de tal modo que ensurdeceu tudo.»

Tudo começa com um reencontro entre dois amantes, num *Fiat 131 Mirafiori* estacionado à porta de uma estação de comboios. Valentina Barreiro e o narrador conheceram-se ainda adolescentes, viveram apaixonados vários anos, estiveram afastados outros tantos, e partilharam, durante todo esse tempo, um segredo fantasmagórico. Agora, têm encontro marcado.

A separação aconteceu quando perceberam que o passado «era uma alegria em segunda mão» e já não bastava para desenharem um futuro juntos. A passagem do tempo adensou o abismo entre os dois: aos 40 anos, Valentina é uma atriz de sucesso; ele não passa de um escritor medíocre, sem um tostão no bolso, propenso a vícios e obsessões.

O esperado reencontro é descrito ao pormenor: o que acontece entre os dois, o que (não) fazem e (não) dizem, o que esperam e desejam. Mas terá acontecido realmente? É neste limbo que se desenrola a trama: na incerteza entre realidade e sonho, passado e presente, diante de um futuro desconhecido.

Mirafiori é a história de um amor que se prolonga por décadas, como uma ilha cercada por uma teia de mistérios. Uma narrativa enfeitiçante sobre a beleza do que não tem explicação.



«Uma narrativa insone, escrita a partir do mais profundo dos sentimentos.»

La Lectura

«Excessivo, emocionante, lúcido e obsessivo.»

Babelia



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)
  [penguinlivros](#)

ISBN 9789897877568



9 789897 877568 >